

Competências comunicativa e interacional no ensino de língua portuguesa: a variação linguística no ensino médio

Communicative and interactional skills in portuguese language teaching: the linguistic variation in high school

Susana Menezes ARAUJO (UnB)¹

Ormezinda Maria RIBEIRO (UnB)²

122

RESUMO: A escola tem o papel de contribuir para a ampliação das competências dos discentes quanto ao uso da língua. A variação linguística é uma realidade característica das línguas que reflete a heterogeneidade sociocultural de seus falantes e manifesta-se nas interações comunicativas realizadas nas mais distintas situações e ambientes. Nesse sentido, os falantes deverão adequar sua linguagem às situações comunicativas vivenciadas por eles e as competências comunicativa e interacional lhes permitirão fazer isso. Desse modo, é objetivo deste trabalho verificar como o estudo e a consciência sobre o fenômeno da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa contribuem para a ampliação dessas competências em estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola situada em Ceilândia-DF. Para a concretização do trabalho, realizamos pesquisa etnográfica participante, aplicação de questionários, anotações de campo e de protocolos interacionais, gravações de eventos de fala, entrevistas com os alunos e com o professor da disciplina. Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento, a geração de dados está no início. Até o momento, observamos que a variação linguística está presente no ambiente escolar e que há graus de monitoramento.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa. Ensino. Variação linguística. Competência comunicativa. Competência interacional.

RESUMEN: La escuela tiene el papel de contribuir a la expansión de las competencias de los estudiantes con respecto al uso del lenguaje. La variación lingüística es una realidad característica de los idiomas que refleja la heterogeneidad sociocultural de sus hablantes y se manifiesta en las interacciones comunicativas realizadas en las situaciones y entornos más diferentes. En este sentido, los hablantes deben adaptar su lenguaje a las situaciones comunicativas que experimentan y sus habilidades comunicativas e interactivas les permitirán hacerlo. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es verificar cómo el estudio y la conciencia sobre el fenómeno de la variación lingüística en las clases de Lengua Portuguesa contribuyen a la expansión de estas habilidades en estudiantes de tercer año de secundaria en una escuela ubicada en Ceilândia-DF. Para llevar a cabo el trabajo, realizamos investigaciones etnográficas participativas, cuestionarios, notas de campo y protocolos de interacción, grabaciones de eventos de oratoria, entrevistas con estudiantes y el profesor de la asignatura. Este trabajo es parte de una investigación en curso, la generación de datos está en su infancia. Hasta ahora, observamos que la variación del idioma está presente en el entorno escolar y que hay grados de monitoreo.

PALABRAS-CLAVE: Lengua Portuguesa. Docencia. Variación lingüística. Competencia comunicativa. Competencia interaccional.

¹ Acadêmica do mestrado em Linguística PPGL UnB susanamenezes.a@hotmail.com

² Docente PPGL UnB aya.ribeiro@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A escola tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento e ampliação das competências dos discentes para usarem a língua com mais eficiência nos processos comunicativos e interativos em que estiverem inseridos, de modo a atenderem às suas necessidades e às exigências que lhes são impostas nas práticas sociocomunicativas. Nesse sentido, os falantes deverão adequar sua linguagem às situações comunicativas vivenciadas por eles. São as competências comunicativa e interacional que lhes permitirão fazer isso. Assim sendo, objetivamos com este trabalho verificar de que forma está sendo abordado o fenômeno da variação linguística e a conscientização desse fenômeno nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio de modo a oportunizar a ampliação das competências comunicativa e interacional dos discentes e, para isso, tomaremos como objeto de estudo o desenvolvimento das competências comunicativa e interacional de estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Centro Educacional - CED 11 situado na cidade de Ceilândia-DF, bairro P. Norte.

Para a concretização desta pesquisa, utilizaremos como referencial teórico da Sociolinguística, entre outros, os trabalhos de Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2004), Hymes (1972), Mollica (2010), Morato (2008), OCEM (2006), Young (2008).

A linha de abordagem etnográfica amparada na Sociolinguística Educacional será utilizada nesta pesquisa, com enfoque para os aspectos da variação/diversidade linguística apresentada pelos alunos e para as práticas metodológicas dos docentes de Língua Portuguesa sob a ótica sociointeracionista.

1. A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Sociolinguística é a ciência que estuda a relação entre a linguagem e a sociedade. Com um fértil terreno, essa subárea da Linguística tem desenvolvido diversas e inovadoras pesquisas, nas várias orientações da área, acerca da língua em uso e das funções que essa exerce em distintos empregos. Surgiu na década de 1960, quando William Bright organizou um congresso intitulado “*Sociolinguistics*”, cujo objetivo era divulgar os trabalhos que estavam sendo realizados sobre a utilização da língua, com foco nas variações linguísticas. Salienta-se, assim, que é nessa ciência que o presente estudo se amparará.

As primeiras pesquisas sociolinguísticas tiveram como motivação a constatação de que, crianças provenientes de classes sociais desfavorecidas, pertencentes a grupos linguísticos minoritários, tinham, na escola, um desempenho inferior àquele apresentado por crianças de classes média e alta. Por meio de análises contrastivas entre a língua materna das crianças com baixo desempenho e a língua padrão, falada e ensinada na escola, os sociolinguistas buscavam explicações que justificassem tal desempenho.

A sociolinguista Stella Maris Bortoni-Ricardo é uma das pioneiras de um movimento que leva os resultados de pesquisas sociolinguísticas para o ambiente escolar na tentativa de transformar esses resultados “em instrumental pedagógico capaz de interferir nas práticas de educação linguística, isto é, nas formas de ensinar a língua [...]” (BAGNO, 2004. p. 7). Foi ela quem inaugurou no Brasil esse movimento, denominado por ela, de Sociolinguística Educacional.

Para se conhecer a variação linguística de qualquer grupo social, devemos considerar vários aspectos linguísticos e sociais implicados nessa manifestação. A variação existente em alguns grupos linguísticos gera preconceitos que se estendem ao ambiente escolar. Dessa forma, considera-se importante abordar nas aulas de Língua Portuguesa tal fenômeno, de modo a conscientizar o aluno da existência dele, para que assim, esse possa reconhecer e lidar melhor com o preconceito linguístico.

Os esforços dos sociolinguistas para com a educação têm provocado reflexões necessárias quanto ao ensino e contribuído significativamente para a adoção de novas posturas e para a renovação das práticas pedagógicas. Os conhecimentos sobre os pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional estão, aos poucos, levando resultados positivos para o ensino da língua. Segundo Bagno (2008, p.10),

no terreno da educação, o reconhecimento da variação linguística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado de modo radical as concepções de língua e de ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula.

No que tange ao Ensino Médio, que será nosso campo de estudo, sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, as OCEM destacam que:

O aprendizado da língua implica a apreensão de práticas de linguagem, modos de usos da língua construídos e somente compreendidos nas interações, o que explica a estreita relação entre os participantes de uma dada interação, os objetivos comunicativos que co-constroem e as escolhas linguísticas a que procedem (OCEM, 2006, p. 30).

Muitas têm sido as contribuições da Sociolinguística para a educação, pois além de contribuir para a erradicação do preconceito linguístico no ambiente escolar, também desenvolve pesquisas com enfoque para a interação em sala de aula, já que a escola comporta um leque de pluralismo linguístico e a fala depende do processo interativo. Dessa maneira, essa disciplina auxilia no ensino da língua materna, sobretudo por levar aos professores direcionamentos que o ajudarão a desenvolver práticas pedagógicas que possibilitem o conhecimento das variedades linguísticas por meio de atividades descritivas e analíticas voltadas à conscientização e respeito às diferentes formas de linguagem.

A variação da Língua Portuguesa ocorre por conta de fatores internos, mas também devido a diversos fatores que são externos a ela e que podem ser devido à origem geográfica, ao status socioeconômico, ao grau de escolarização, à idade, ao sexo, ao mercado de trabalho e às redes sociais. Esses fatores influenciam no uso da língua positiva ou negativamente. Quando a influência é negativa, o usuário da língua tem sua fala estigmatizada, gerando assim o preconceito linguístico que está presente nas escolas brasileiras.

Sobre isso, Mollica relata que:

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2010, p. 13).

O ambiente escolar apresenta-se como um espaço rico para se realizar pesquisas investigativas aplicadas na área da linguagem, com destaque para a variação linguística e, a Sociolinguística apresenta subsídios ao ensino da Língua Portuguesa por considerar a realidade linguística dos falantes levando em conta fatores linguísticos (de ordem fonético-fonológica, morfossintática, semântica etc) como também fatores extralinguísticos (sexo, idade, status socioeconômico, entre outros).

2. AS COMPETÊNCIAS COMUNICATIVA E INTERACIONAL

2.1 COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

O termo competência surgiu a partir de estudos realizados por Noam Chomsky, em seus estudos, o pesquisador não considerou aspectos sociais da língua. A posteriori, Dell Hymes reconhece a relevância da teoria desenvolvida por Chomsky, mas acrescenta que os conhecimentos concernentes à estrutura linguística para a formação de sentenças e a aceitabilidade ou não de tais sentenças não são suficientes para explicar a complexidade da comunicação que, segundo ele, envolve além dos conhecimentos linguísticos, fatores socioculturais que influenciam o ato comunicativo. Na sua concepção, “[...] falar uma língua implica estar integrado a determinada comunidade de falantes, a um conjunto de práticas sociais relacionadas à comunicação entre as pessoas” (MORATO, 2008, p. 42), já que as comunidades de fala padronizam as formas de uso da língua.

Na década de 1960, o autor tratava da Etnografia da Fala, posteriormente renomeada por Gumperz e Hymes (1972) Etnografia da Comunicação, que analisava o comportamento linguístico de comunidades de fala, levando em conta os aspectos socioculturais pelos quais os falantes são permeados no ato comunicativo. Fundamentado nesse campo, Hymes entende que a língua deve ser analisada em correlação com a cultura, no contexto cultural de uso da língua, desse modo, dá origem ao termo Competência Comunicativa que, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 73), “é bastante amplo para incluir não só as regras que presidem à formação das sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala”.

Como vemos, o conceito de Hymes sobre competência, além de englobar os conhecimentos linguísticos para formação de sentenças, abrange conhecimentos sobre as normas sociais de uso da língua, que definem “o que, como, quando e para quem” falar em diferentes situações de interação.

2.2 COMPETÊNCIA INTERACIONAL

A ideia de competência interacional teve início com os trabalhos de Claire Kramsch (1986), mas se consolidaram com os estudos realizados por Young.

Entendemos que interagir é muito mais do que comunicar, pois na comunicação o ato comunicativo acontece de forma individual, dependendo apenas da cognição dos interlocutores sem necessitar, portanto, da ação conjunta desses para a realização e construção das práticas discursivas. Desse modo, podemos dizer que “competência interacional não é o conhecimento ou a posse de uma pessoa individual, mas é coconstruída por todos os participantes em uma prática discursiva, e a competência interacional varia com a prática e com os participantes” (YOUNG, 2008, p. 101)³, ou seja, a competência interacional não possui um caráter monológico, mas sim plural, já que exige dos participantes de uma interação, conhecimento compartilhado de procedimentos e práticas discursivas.

Para Young (2008), competência comunicativa e competência interacional se distinguem, fundamentalmente, por dois aspectos: a primeira não necessita de uma ação/construção conjunta dos interagentes para acontecer. Já a segunda, depende dessa ação/construção para a negociação de sentidos entre eles. Assim sendo, entendemos que a competência interacional não é apenas resultado de abstração e nem somente uma habilidade para usar a língua em distintas situações sociais, mas que ela é algo local, contextual e construída conjuntamente pelos participantes nas atividades interativas.

3. METODOLOGIA

Este trabalho representa um recorte de uma pesquisa em andamento. Para a sua realização, foram feitas entrevistas com 35 alunos. As entrevistas aconteceram na sala de Informática da escola campo e foram gravadas por meio de um celular da marca Samsung, modelo J6.

As entrevistas constavam de 10 perguntas sobre variação linguística, preconceito linguístico, usos da língua, entre outros. Porém, para esse trabalho, selecionamos apenas 5 questões para a análise. São elas: 1. Você sabe o que é variação linguística? 2. Para você o que é preconceito linguístico? 3. Você já passou por alguma situação de preconceito linguístico? Fale sobre isso. 4. O professor trabalha a questão da variação linguística nas aulas? De que forma? 5. Em relação

³No texto original: “[...] *interactional competence is not the knowledge or the possession of an individual person, but it is co-constructed by all participants in a discursive practice, and interactional competence varies with the practice and with the participants*” (YOUNG, 2008, p. 101).

ao uso da língua, você acha que ela deve ser usada da mesma forma em todas as situações de comunicação? Por quê?

3.1 CONHECENDO OS COLABORADORES DA PESQUISA

A sala de aula do terceiro ano C matutino é composta por 35 alunos, com faixas etárias entre 17 e 19 anos. A maioria nasceu no DF, alguns poucos nos Estados do Nordeste como: Bahia, Piauí, Maranhão, Alagoas, uma no Estado do Goiás e outra em Minas Gerais. Embora a maioria tenha nascido no DF, muitos deles são descendentes de Nordestinos (BA, CE, MA, PI, AL, PB, RN), Nortistas (TO), Centro-Oestinos (GO, DF), e Sudestinos (MG), alguns chegaram a morar cerca de 5 a 10 anos no Maranhão, Bahia e Tocantins.

Todos residem, atualmente, em Ceilândia-DF, distribuídos entre os bairros P. Norte, Sol Nascente, Ceilândia Norte, Expansão, Incra 9, Ceilândia Sul e Pinheiro. A maioria mora com os pais, padrastos, madrastas, irmãos(ãs), outros com avós, primos(as), tios(as). Alguns deles trabalham em cidades distintas de onde residem.

O grau de escolaridade dos familiares varia entre analfabetos (poucos), Ensino Fundamental completo ou incompleto, Ensino Médio completo ou incompleto e Ensino Superior completo ou incompleto.

Alguns alunos costumam ler textos variados em casa, uns focam nas leituras do PAES. Os familiares, na maioria, não têm o hábito de ler. Todos os discentes manifestaram o desejo de cursarem uma faculdade, pouquíssimos ainda não decidiram qual curso querem fazer.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

PERGUNTA 1 - Você sabe o que é variação linguística?

Aluna 1 – “Sim. Variação da língua, mas a forma de falar em diferentes regiões, diferentes pessoas, cada um tem um jeito de falar diferente, algumas palavras, sotaque.”

Aluna 2 – “Sei. É as características é de como o povo fala em determinadas regiões, todas as regiões têm uma variedade linguística diferente, pode ser o mesmo país, mas apresentam umas divergências na fala.”

Pelas respostas dadas pelas alunas concluímos que elas têm noção do que é variação linguística. Com exceção de uma única aluna, que não deu uma resposta que conseguisse responder satisfatoriamente essa questão, todos os demais alunos trouxeram em suas respostas, noções de variação linguística, ainda que algumas respostas não tenham sido tão precisas.

PERGUNTA 2 – Para você o que é preconceito linguístico?

Aluna 3 – “Quando, por exemplo, eu tomo a minha língua como verdade. Então se você fala diferente da minha forma simplesmente não, eu acho que você tá errado e eu sou a certa.”

Aluna 4 – “Preconceito linguístico acho que é você excluir a pessoa por causa da forma que ela fala e muitas vezes isso acontece é assim, às vezes você acredita que a pessoa tá falando errado, mas ela não tá, ela fala de forma correta, só que tem uma diferencazinha. Às vezes ela usa algumas palavras que você não conhece, às vezes tem um sotaque, mas não significa que a pessoa fala errado. Às vezes ela conjuga todos os verbos da forma mais correta possível, só que têm algumas diferenças.”

Como pode ser observado, as informantes têm noção de que a língua é usada de formas distintas e que tais usos não constituem erros. Porém, pessoas desinformadas e/ou preconceituosas, veem essas distinções como erros e, muitas vezes, julgam os falantes que não dominam a variedade culta da língua, como incompetentes linguisticamente. Dizer que uma pessoa não sabe falar só porque ela não domina a variedade de prestígio, cujo acesso é, preferencialmente, daqueles com os níveis de escolaridade e socioeconômico superior ao da maioria dos falantes, é negar o fato de que todo falante nativo domina sua língua materna.

PERGUNTA 3- Você já passou por alguma situação de preconceito linguístico? Fale sobre isso.

Aluna 5 – “Já, há muito tempo, quando eu era menorzinha [...]
Eu tinha entrado na esco...mudado de escola, né?”

Pesquisadora – “Hunrum”

Aluna 5 – “Aí eu era da particular e fui pra pública, aí eu falava mais puxado, né? Porque convivendo e tudo mais e aí falavam que eu não sabia falar, falavam que eu

falava diferente, que eu era estranha, que o meu jeito de puxar era da roça e tudo mais.”

Pesquisadora- “E como é que você se sentia?”

Aluna 5 – “Ah, eu me sentia (riso) meio que excluída, né? Que todo mundo falava igual, falava gíria e tudo mais e eu me sentia mais deixada de lado.”

Pesquisadora- “Hunrum.”

Aluno 6 – “De preconceito linguístico? Já, eu tenho uma experiência bem páia, pode contar?”

Pesquisadora – “Quero saber.”

Aluno 6 – “Uma vez, eu tava na Água Mineral, eu tinha acho que uns 13 anos. Tava na Água Mineral com a minha família, aí eu tava brincando com meus primos, né? E a gente tava brincando, brincadeira de criança, né? Criança tem energia, a gente tava brincando e tipo pelo jeito da gente falar, pelo jeito da gente se comunicar um cara lá chegou, né? E falou não num sei o que e, sai daqui de perto. A gente tava lá perto dele. Sai daqui de perto. É certeza que esse povo é lá do Setor P, lá daquelas favelas lá de baixo. Num sei o que, tipo com, é realmente um preconceito bem evidente, entendeu?”

Pesquisadora – “Hunrum”

Aluno 6 - “E isso pelo jeito que a gente se comunicava, pelo jeito que a gente falava e falando, tipo, com gírias daqui de baixo, né?”

Pesquisadora – “Hunrum.”

Aluno 6 – “E ele tratou a gente dessa forma. Foi bem desagradável.”

Fazer a pessoa se sentir diferente, excluída e inferior pelo seu modo de falar, além de ser uma atitude preconceituosa, desrespeitosa e intolerante, chega a ser desumana. O que fica evidente é que o preconceito linguístico está atrelado ao social como notamos na fala do segundo informante.

PERGUNTA 4 – O professor trabalha a questão da variação linguística nas aulas? De que forma?

Nessa questão a turma ficou bem dividida nas respostas. Uns disseram que o professor trabalha muito pouco sobre variação, outros disseram que ele não

trabalha, alguns disseram que ele trabalhou em anos anteriores e houve aqueles, maior parte, que disseram que o professor trabalha o assunto de diversas formas como por meio de explicações, comentários, textos, atividades, poemas etc. Desse modo, trouxemos para a discussão, duas respostas que se contrapõem.

Aluna 7 – “Trabalha.”

Pesquisadora – “De que forma?”

Aluna 7 – “No começo do ano, no primeiro bimestre que a gente tava fazendo redação, ele trabalhou muito porque na redação tu tem que colocar mais a forma padrão, né? Então, ele explicou muito pra gente sobre isso, ele trouxe pra gente poemas escrito conforme a língua mesmo das pessoas, língua não, o sotaque mesmo das pessoas e ele colocou um poema, se eu não me engano, eu não sei, aquele da pátria amada que incentivou a fazer o hino. Ele mostrou pra gente que ele colocava, tipo, muitas gírias no poema e ele colocou tipo, muitas palavras que não é do nosso vocabulário tipo “Bá”, “Tchê”, essas coisas assim. Ele mostrou muito pra gente. Do Maranhão também ele mostrou pra gente alguns sotaques do Maranhão que eles têm lá, que a gente não usa aqui e ele coloca esses poemas assim, é uma forma (palavra ilegível) dele mostrar pra gente. A gente fez vários trabalhos sobre isso.”

Aluno 8 – “Esse ano não porque não é conteúdo do terceiro ano, mas já trabalhou no primeiro.”

Algumas respostas coincidiram com a resposta dada pela aluna no primeiro excerto. Desse modo, compreendemos que o professor de Língua Portuguesa tem trabalhado o fenômeno da variação linguística em sala de aula ainda que, segundo alguns alunos, de forma pouco exploratória, contribuindo, assim, para a ampliação das competências dos alunos para se comunicarem e interagirem, por meio da fala e da escrita, de forma mais eficiente. Segundo Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 13):

Ao professor, cabe, no papel que lhe foi confiado: (i) dar orientações seguras nas atividades de produção textual, valendo-se das preferências pautadas nas efetivas normas de uso brasileiras faladas e escritas; (ii) promover, nas atividades de leitura e de escrita dos mais diversos gêneros, o reconhecimento de usos linguísticos pouco familiares à comunidade de fala a que pertencem seus alunos, por serem esses usos pertencentes a outras variedades, prestigiadas ou não, ou, ainda, a outras sincronias.

PERGUNTA 5 – Em relação ao uso da língua, você acha que ela deve ser usada da mesma forma em todas as situações de comunicação? Por quê?

Aluna 1 – “Ah, não.”

Pesquisadora – “Por quê?”

Aluna 1 – “Têm situações que pedem a fala de um jeito, têm situações que pedem a fala de outro. Eu tava comentando isso hoje de manhã com um colega. Tem gente que quer falar aquelas palavras mais rebuscadas em todos os lugares, não dá certo. Cê vai falar com uma pessoa simples, você vai complicar as palavras? A pessoa não vai entender nada do que cê tá falando. Agora, têm situações, por exemplo, fazer uma redação. Aí cê tem que usar todas as palavras bonitinhas que cê encontrar na vida! Eu acho que não, acho que pra cada situação a gente tem que se adequar.”

Aluna 4 – “Não, eu acho que quando você tá com a sua família, com os seus amigos, você pode falar numa forma mais livre, né? E agora existem situações que é necessário seguir a norma padrão, né? Uma entrevista de emprego, no seu trabalho, numa redação. Mas quando você tá com seus amigos, com a sua família, você. Eu falo isso muito pra minha mãe que ela reclama muito assim sobre as gírias, né? Ela não gosta. Eu falo: mãe, a gente tem que saber de tudo, a gente tem que conhecer as coisas que têm ao nosso redor e também tem que conhecer a norma padrão e saber usar em diferentes lugares.”

Como se percebe, as alunas demonstram uma compreensão acerca do tema abordado, ainda que não tenham um domínio do jargão conceitual próprio da área. Notamos que elas têm a percepção de que a língua varia e a noção de adequação ao uso linguístico em decorrência da situação, do ambiente, dos interlocutores. A sociolinguística não considera erros no uso da língua feito por falantes nativos, mas reconhece usos diversos como legítimos e, por isso, opta pelo emprego de termos como “adequado/inadequado”, em lugar de “certo/errado”. Observamos que as respostas dadas pelas estudantes contemplam esse pressuposto sociolinguístico, registrando, nesse prisma, que a primeira estudante encerra sua fala dizendo: “[...] a gente tem que se adequar”. Essa ponderação reflete o nível de percepção acerca da língua e de como se alinha ao sentido de Linguística como ciência que se ocupa do estudo acerca dos fatos da linguagem, sem uma preocupação dogmática prescritivista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística considera imprescindível para um bom desempenho linguístico do falante o conhecimento sobre a variação linguística. Entendendo que é papel da escola munir os aprendizes de conhecimentos sobre a sua língua materna e seus usos e funções esse trabalho trouxe à baila a questão de como o estudo e a consciência sobre o fenômeno da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa contribuem para a ampliação das competências comunicativa e interacional em estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola situada em Ceilândia-DF.

Nesse sentido, além da reflexão sempre necessária impulsionada pela pesquisa, ao entendermos a partir da conclusão de que os alunos têm noções do que é variação linguística, noções de adequação da fala e da escrita em conformidade com as situações comunicativas/interativas vivenciadas pelos usuários da língua, podemos traçar estratégias significativas para o ensino de língua em sala de aula considerando a percepção dos discentes acerca da própria língua e de seu ensino.

No que tange à pergunta sobre o que é preconceito linguístico, observamos que os discentes sabem o que é preconceito linguístico e reconhecem que preconceito linguístico e preconceito social estão entrelaçados.

Em conformidade com as respostas dadas pelos alunos quando questionados se já sofreram preconceitos linguísticos, verificamos que alguns deles já sofreram preconceito linguístico nas modalidades escrita e falada da língua ou presenciaram cenas de preconceito, inclusive no ambiente escolar.

Embora alguns estudantes tenham afirmado que o professor não trata do fenômeno da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, percebemos pelas respostas dadas pela maioria, que este trabalha o fenômeno em sala de aula por meio de textos, explicações, comentários, atividades, vídeos etc.

Quando questionados se a língua deveria ser usada da mesma forma em todas as situações de comunicação, os alunos mostraram que têm consciência de que as distintas situações comunicativas/interacionais nas quais nos envolvemos diariamente exigem dos falantes comportamentos linguísticos que se adéquem a elas.

Desse modo, concluímos que a escola CED 11, ainda que de forma pouco exploratória, tem cumprido com o papel de ampliar as competências linguísticas dos discentes para uma comunicação/interação mais efetiva, mas que ainda é

necessário que os docentes estabeleçam uma relação dialógica com os estudantes, incluindo uma reflexão constante e uma autoavaliação no que diz respeito à sua prática e às suas escolhas metodológicas, bem como em relação aos tipos de textos a serem usados, considerando o perfil discente.

À guisa de conclusão, lembramos Ludwig Wittgenstein que nos diz “As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo”. Nesse sentido, entendemos que criar um espaço oportuno ao trabalho com as variações linguísticas é mais do que cumprir um programa de ensino, ou cumprir o ideal de uma política linguística. É, sobretudo, alargar fronteiras! Possibilitar a efetiva inclusão!

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Por uma Sociolinguística militante. Prefácio. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Apresentação da edição brasileira. Apresentação. In: LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

HYMES, Dell Hathaway. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). **Sociolinguistics: Selected Readings**. Harmondsworth: Penguin, 1972. p. 53-73.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. – 4. ed., São Paulo: Contexto, 2010.

MORATO, Edwiges Maria. Da noção de competência no campo da linguística. In: SIGNORINI, Inês. **Situar a língua[gem]**. / Inês Signorini. (org.); Kanavillil Rajagopalan... [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 39-65.

YOUNG, Richard. Interactional Competence. In: _____ (Ed.). **Language and Interacion**: an advanced resource book. London and New York: Routledge, 2008. p. 92-106.